

DISLEXIA: DIAGNÓSTICO E PROCESSOS DE INTERVENÇÕES

Autor (a): Larissy Sousa Silva

Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia

Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA

Co-autor (a): Jucilene Sé Farias Da Silva

Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia

Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA

Orientador (a): Prof.^a Esp. Francisca Tatiana Dourado

Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA

Email: facema@facema.edu.br

Dislexia: diagnósticos e processos de intervenções

Através deste¹ trabalho buscamos como objetivos compreender a dislexia em seus processos de diagnóstico e intervenções. O mesmo foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica, a partir da análise de artigos científicos, monografias, dissertações e teses encontrados em sites, como SciELO, e outros. Fundamentamo-nos em Massi (2007), Cabussú (2009), Polese; Costa, Miechuanski (2011), entre outros. O trabalho foi desenvolvido com vista a responder à seguinte problemática: Quais são os diagnósticos e intervenção utilizados com os alunos disléxicos, no intuito de contribuir no seu desenvolvimento cognitivo? Através desta pesquisa, vimos a necessidade de maior empenho por parte tanto dos pais como docentes, pois a sua colaboração pode contribuir significativamente para que muitos alunos disléxicos possam ter a sua vida transformada, desde que o caso seja identificado, diagnosticado e tratado no tempo e forma corretos.

PALAVRAS-CHAVE: Dislexia. Diagnósticos. Intervenção. Metodologias.

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta intitula-se: Dislexia: diagnóstico e processos de intervenções, visto que nos últimos anos o sistema educacional vem sofrendo deficiências com estudantes apresentando baixo rendimento escolar, decorrente no primeiro no segmento do Ensino Fundamental dos anos iniciais com déficit na leitura e na escrita oriundos de um distúrbio no aprendizado. Sendo assim, a dislexia é uma das grandes causas do fracasso escolar, tendo em vista que acarreta a dificuldade de aquisição de escrita e leitura.

Este trabalho foi desenvolvido sob a problemática: Quais são os diagnósticos e intervenção utilizados com os alunos disléxicos, no intuito de contribuir no seu desenvolvimento cognitivo?

Antigamente pouco se falava sobre a dislexia, pois faltava conscientização por parte dos educadores e demais profissionais acerca dos distúrbios de aprendizagem. Era muito comum, algumas vezes

¹ Projeto de Pesquisa: Revisão Literária

esses alunos serem rotulados como “preguiçosos”, que não tinham atenção nos estudos. Por este motivo, a dislexia passou a estar entre os principais problemas que desencadeiam no abandono escolar.

DESENVOLVIMENTO

O que é Dislexia e como se apresenta?

A palavra dislexia: “‘Dis’ significa distúrbio, ‘lexia’ significa leitura, em latim, e linguagem, em grego. Afirmando que a dislexia é uma dificuldade na leitura escrita” (SILVA, 2009, p. 14). Desta forma, fica apreendido que a dislexia é considerada um distúrbio específico da linguagem, que possui como principal característica a dificuldade em compreender palavras. Para a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2016), é um transtorno específico de aprendizagem, originado da neurobiológica, que se caracteriza na dificuldade de reconhecer fluentemente da palavra, que impossibilita o indivíduo em decodificar em soletração.

A dislexia vem sendo caracterizada como um distúrbio que apresenta dificuldades na decodificação de escrita e leitura. Com o surgimento dessa dificuldade apresentada em crianças, a psicóloga americana Eleonor Bader em 1973, observou erros na leitura e escrita em diferentes crianças, assim classificou como existentes três tipos de dislexia, a primeira denominou como “disfonética”, sendo em nível mais elevado de comprometimento, onde as crianças apresentam dificuldade de consciência fonológica, que prejudicam a rimas e estruturas fonológicas das palavras, apresentam deficiências em corresponder letra-som na leitura e escrita; a segunda, ela classificou como “diseidética”, o nível de comprometimento é menor e apresenta a correspondência letra-som na escrita e na leitura, entretanto possui déficit visual. A última pode ser chamada de “mista”, pois apresenta ambas dificuldades e características dos tipos acima citados. Podendo assim dizer que existem crianças que não possuem dificuldades de leitura, e outros a utilização correspondente a letra-som, entretanto a visual em maior evidência (EVANS, 2006).

Os possíveis sintomas do distúrbio, são: omissão de letras ou de sílabas, omitir ou acrescentar sons (ex.: prato, lê pato; asa, lê casaco), ao fazer uma leitura pula a linha a ser lida ou³ volta para a anterior, palavras mal agrupadas, pontuação não respeitada, etc. (GONÇALVES; NAVARRO, 2012).

Estudos apontam fatores visuais que envolvem a dislexia, apresentando sintomas mais frequentes da dislexia, que são:

- Lentidão na aquisição da leitura e escrita;
- Deficiência com os sons das palavras, evidências com rimas, aliterações e soletração;
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferentes sutis e grafia, ou grafias similares;
- Inversão de palavras ou sílabas parciais ou totais;
- Dificuldade na identificação e conversão fonema-grafema;
- Troca de palavras por outras parecidas ou criação de palavras, com significados diferentes;
- Dificuldade na identificação e conversão fonema-grafema. Por ex.: manto e canto;
- Dificuldade com cálculos matemáticos;
- Persistência nos erros, apesar da ajuda profissional;
- Baixa autoestima afetiva e intelectual.

Teles (2004), através de seu estudo em 1994, o Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais, OSM IV, colocou a dislexia entre as dificuldades de aprendizagem, que chamou de “Perturbação da Leitura e da Escrita”, onde descreveu os seguintes preceitos de diagnósticos. O profissional fonoaudiólogo precisa conhecer a deficiência que prejudica a criança, no seu processo diagnóstico, por que somente poderá orientar o professor com estratégias visando o desenvolvimento e melhorando as potencialidades em suas funções da linguagem e no desempenho das tarefas escolares que exigem principalmente na leitura e escrita (SILVA, 2009).

As características da dislexia são comprometedoras, com o aparecimento significativo de deficiência nas habilidades de leitura e escrita, na qual a criança tem como prejuízo o déficit no seu desenvolvimento fonológico, apresentando fortemente no indivíduo disléxico, sinais de erros ortográficos comprovados em testes, tais como redação e ditado, visto que a redação permite identificar os erros sobre sua produção, por ser uma atividade de leitura e escrita voluntária, em seu aspecto produtivo; já o ditado vem em observação de quais palavras apresentam mais erros ortográficos (AFFONSO [et al], 2011).

Segundo Evans (2006), é importante que profissionais da saúde e educação tenham conhecimento a respeito da dislexia, assim, o professor deve estar bem informado a respeito do seu aluno, bem saber qual o seu aspecto cognitivo, emocional, sua convivência entre família e sociedade.

A Importância da Intervenção Precoce

Essa intervenção deve ocorrer entre as idades de quatro a seis anos, principalmente porque intervir precocemente evitará o surgimento de problemas mais graves. Evans (2006)

Para Duarte e Souza (2014), é fundamental que se efetue e aconteça a intervenção precoce, possibilitando desta maneira, que o indivíduo disléxico tenha evolução e aprimore o seu desenvolvimento no processo de alfabetização. Para isso, se faz necessário que os professores desenvolvam seus conhecimentos com relação ao mesmo, para poderem identificar se esses alunos são disléxicos ou não, o que será feito através do reconhecimento e características neles existentes. Segundo o autor, Lima (2012), quanto mais cedo o tratamento, melhor implicará no favorecimento das questões de aprendizagem dos disléxicos. Existem testes cognitivos que só podem ser aplicados por psicólogos, para identificar os perfis cognitivos, e em seguida encaminhar para outros profissionais em buscar da resolução do tratamento.

O docente, ao perceber em sua sala de aula algum aluno que apresente característica de dislexia, deve encaminhar para uma equipe multidisciplinar para uma avaliação, onde irá dar início ao tratamento que deverá ser sistemático, através da utilização de métodos multissensoriais, uma dessas técnicas é o baralho Altmann pró-fono, que tem o objetivo de estimular a área visual, auditiva e tátil, é composto por 162 cartelas para o trabalho com fonemas (CABUSSÚ, 2009).

A maioria dos profissionais tende a seguir os métodos de ensino padrão para trabalhar com todos os alunos, sejam eles disléxicos ou não, o que é ocasionado muitas vezes pelo despreparo ou desconhecimento do professor sobre a deficiência. Além disso, nem todos os professores que possuem alunos disléxicos, realmente param para analisar o que de fato leva o aluno ao fracasso escolar, a maioria dos professores tendem a concluir que se trata apenas de alunos desinteressados, preguiçosos, sem se dar a escolha de enxergar de fato o problema e auxiliar o aluno. O que não ajuda estes alunos no seu processo de aquisição de conhecimento, que necessita de técnicas específicas para a sua deficiência de aprendizagem (SILVA, 2013).

5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa desenvolvida, foi possível compreender que a dislexia, sendo um distúrbio que afeta o desenvolvimento cognitivo, no que se refere ao aprendizado da leitura e escrita, o quanto antes for detectada e o tratamento realizado, maiores serão as chances de amenizar os transtornos para o disléxico, já que se trata de um distúrbio irreversível.

Assim, os pais e professores, por serem os indivíduos a terem contato mais prévio com a criança, no momento em que os primeiros sintomas surgem, devem estar atentos aos sinais para serem capazes de identificar se a criança é disléxica, e em consequente buscar auxílio dos profissionais apropriados, como psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas e pedagogos. Caso o resultado seja positivo, então a criança será encaminhada para receber tratamento e acompanhamento necessário. Além disso, o professor também deve adaptar as suas aulas, utilizando metodologias diferenciadas, evitando o fracasso ou evasão escolar.

Vale ressaltar ainda, que a dislexia acompanhará o disléxico por toda a vida, mas isso não significa que ele será uma pessoa inferior aos demais, ou incapaz, pois com a ajuda dos pais e de profissionais adequados ele pode, ao longo do tempo, e à medida que realiza os tratamentos recomendados, superar as suas dificuldades e aprender a conviver com elas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Mislene Ferreira Santos de. BROWNE, Rodrigo Alberto Vieira, SALES, Marcelo Magalhães, DANTAS, Renata Aparecida Elias. Psicomotricidade como ferramenta da Educação Física na Educação Infantil. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, Edição Especial: Pedagogia do Esporte, São Paulo, v.4, n.14, p.245-257. Jan/Dez. 2012. Disponível em <http://www.ibpefex.com.br> – <http://www.rbff.com.br>. Acessado em 05 – maio – 2015, às 17:17pm.

BARROS, Paulo Henrique Pinheiro. Psicomotricidade e educação infantil: percepção dos professores pré- escolares. Monográfico, Universidade Federal de Roraima, 2014.

CARNEIRO, Moaci Alves. LDB fácil: leitura crítico-compreensiva:artigo a artigo/ Moaci Alves Carneiro.14. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FONSECA, Vitor da. Manual de observação psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora,2012.

FONSECA, Vitor da.Psicomotricidade: uma visão pessoal. Revista Construção Psicopedagógica. São Paulo-SP, 2010, Vol. 18, n.17, pg. 42-52.Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200004. Acessado em 10 – abril – 2016, às 19:45pm.

GESELL, Arnold. A criança dos 0 aos 5 anos. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KAMILA, Ana Paula Folador; MACIEL, Régia Aquino; MELLO, Luciane de Andrade; SOUZA, Rosani Aparecida Alves. A estimulação psicomotora na aprendizagem infantil. Revista Científica Faculdade de Educação e Meio Ambiente.v 1 n 1, 2010. Disponível:<<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/9>>. Acesso em: 04 março. 2016.

MORAIS, Sonia. MALUF, Maria Fernanda de Mato. Psicomotricidade no contexto da neuroaprendizagem: contribuições à ação psicopedagógica. Revista Psicopedagógica. 2015: 32 (97), 84 – 92. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000100009. Acessado em 08 – abril – 2016, às 10:24am

OLIVEIRA, Gislene Campos. Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. 19.Ed. Petrópolis: vozes, 2014.

RAMOS, Camila Siara; FERNANDES, Marcela de Melo. A importância de desenvolver a psicomotricidade na infância. EFDesportes.com, Revista Digital, v. 15, n. 153, 2011. Disponível: <<HTTP://www.efdesportes.com/>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

ROSSI, Francieli Santos. Considerações sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil. Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012. Disponível em www.ufvjm.edu.br/vozes. Acessado em 04 – março – 2016, às 09:14am.

SOUZA, Vânia de Fátima Matias de. Desenvolvimento psicomotor na infância Centro Universitário de Maringá. Núcleo de Educação a distância:- Maringá - PR, 2010. Disponível em <http://www.ead.cesumar.br/artigos>. Acessado em 04 – março – 2016, às 09:45am.